



ESTADOS UNIDOS

Chefe da diplomacia de Donald Trump faz as malas para visita de três dias a Colômbia, Peru e Equador, onde discutirá com governos aliados a estratégia de combate militar norte-americano aos cartéis do "narcoterrorismo"

Rubio faz turnê pelo “quintal”

Getty Images/AFP



O secretário de Estado discursa em evento em Washington: América do Sul na mira do governo Trump

Com o Brasil entrando na reta final para o primeiro turno da disputa pelo Planalto, o secretário de Estado dos Estados Unidos, Marco Rubio, faz na semana que entra uma turnê por três países críticos para os planos anunciados do governo de Donald Trump destinados a recompor a hegemonia histórica de Washington sobre a América do Sul — parte da doutrina geopolítica segundo a qual a superpotência global não pode aceitar concorrentes nas Américas, a região que a diplomacia norte-americana nomeia, oficialmente, como o Hemisfério Ocidental.

Entre a terça-feira, 8 de setembro, e a quinta, Rubio visitará Colômbia, Peru e Equador. Nas duas primeiras escalas da viagem, vai reunir-se com presidentes recém-empossados e afinados explicitamente com a política definida para a América do Sul pelo presidente Donald Trump. Ainda como candidatos, Abelardo de la Espriella e Keiko Fujimori afirmaram compromisso com a proposta de coordenar com os EUA ações militares contra os cartéis de narcotráfico. No poder desde novembro de 2023, o equatoriano Daniel Noboa negocia com a Casa Branca a reativação de bases

militares norte-americanas instaladas no país e fechadas durante os governos do esquerdista Rafael Correa.

"A viagem se destina a discutir o apoio dos EUA à resposta da Colômbia ao terremoto, o reforço da cooperação no combate conjunto ao narcoterrorismo — que ameaça o nosso hemisfério — e os benefícios de relações comerciais mais estreitas entre os nossos países", afirmou o porta-voz do Departamento de Estado, Tommy Piggott, em comunicado enviado à imprensa. O anúncio se segue à divulgação de um vídeo, no início de agosto, em que a diplomacia estadunidense afirma a determinação de garantir que "o domínio" de Washington sobre o continente, em especial a América Latina, "nunca mais será questionado".

O Departamento de Estado cita, nesse vídeo, a operação que capturou o ex-ditador venezuelano Nicolás Maduro, em 3 de janeiro deste ano, como o exemplo mais recente da aplicação da nova doutrina norte-americana para o continente. Ela toma como base a Doutrina Monroe, enunciada dois séculos atrás pelo então presidente, James Monroe, e destinada a contrapor a jovem república dos EUA, emancipada do Reino Unido em 1776, como

farol para a independência de demais colônias europeias.

O lema "A América para os americanos" é retomado, agora, como afirmação da supremacia dos EUA, em oposição à influência

econômica e comercial expandida da China, identificada por Donald Trump como adversária frontal na disputa pela hegemonia global. Inscrita nos documentos oficiais publicados pela Casa Branca

em novembro de 2025, definindo a orientação do governo Trump para a estratégia de defesa e segurança nacional, a política é chamada informalmente de Doutrina Donrore, fusão entre o prenome do atual

presidente e o sobrenome do autor da estratégia dos anos 1800.

As imagens invocam a operação desfechada em 3 de janeiro por um comando militar de elite, em Caracas, para capturar o presidente venezuelano, Nicolás Maduro. Ele e a mulher, Cilia Flores, foram enviados a Nova York, onde respondem agora a processo por "narcoterrorismo". O texto afirma que o episódio, alvo de controvérsia internacional, "envia um forte sinal a todo o hemisfério".

As recentes vitórias eleitorais de De la Espriella, na Colômbia, e Keiko Fujimori, no Peru, ambos identificados em campanha, explicitamente, como aliados de Trump, completam uma sequência de êxitos eleitorais do presidente dos EUA contra adversários da esquerda nacionalista que predominou na América do Sul nas duas primeiras décadas do século. Somados a vitórias anteriores no Paraguai e Equador, e depois na eleição de José Antonio Kast, no Chile, os avanços da extrema-direita trumpista na região animam o secretário de Estado, Marco Rubio, a coroar a primeira metade do mandato do presidente com a eleição de um aliado no Brasil, nas eleições presidenciais de outubro.

ITÁLIA

Meloni celebra recorde de permanência no poder

Com uma festa às margens do Mar Adriático, Giorgia Meloni, primeira mulher a chefiar um governo italiano, celebrou o recorde de permanência no cargo desde o fim da Segunda Guerra Mundial e defendeu sua "credibilidade" para lançar a campanha para as eleições legislativas de 2027. "A estabilidade é a primeira grande reforma oferecida à nação. Quando a Itália se senta à mesa, nossa nação é levada a sério, pode dizer que não ou marcar o caminho", disse Meloni à tarde perante seus apoiadores em Bari, em Apúlia (sul). "Graças à estabilidade, protegemos

nossa nação", acrescentou.

"As batalhas que a Itália perdia antes, hoje vence; são feitos que queremos deixar aos italianos, quem quer que seja o vencedor" das próximas eleições, afirmou a chefe de governo. "Fomos tachados de extremistas durante anos e depois nos imitaram", ironizou, em alusão aos países europeus e ao tema migratório.

Aos 49 anos, Meloni completou 1.413 dias (pouco menos de quatro anos) à frente do mesmo governo e supera Silvio Berlusconi, que, no entanto, governou o país por quase

dez anos no total, à frente de quatro governos. A celebração reuniu milhares de apoiadores em Bari, sob o olhar atento das forças de segurança. Os simpatizantes se reuniram no porto, onde tocava música e barracas ofereciam crepes, sanduíches e o famoso espagete all'assassina, uma especialidade local muito apimentada.

"O governo de Meloni teve uma trajetória positiva; há resultados tangíveis, e o fato de ser o mais longo não é pouca coisa", disse à agência France-Presse (AFP) Maurizio Ceconelli, um advogado de 61 anos procedente

do centro da Itália. "Esperamos que ela tenha mais cinco anos para realizar tudo o que desejava", acrescentou.

"A estabilidade é um instrumento, não um objetivo. O objetivo é o crescimento, e isso nós não vimos", declarou na quinta-feira Veronica De Santis, professora de economia da Universidade Luiss, em Roma, durante um encontro com a imprensa estrangeira. A especialista criticou a ausência de uma estratégia econômica de longo prazo. O próprio governo prevê um crescimento muito moderado este ano, da ordem de 0,6%.

Alberto Pizzoli/AFP



Meloni discursa em Bari: "As batalhas que a Itália perdia, hoje vence"

CONEXÃO DIPLOMÁTICA



POR SILVIO QUEIROZ
SILVIOQUEIROZ.BSB@GMAIL.COM

AGORA, O PLANALTO JOGA NA RETRANCA

A quatro semanas do primeiro turno das eleições, o presidente Lula decidiu não assistir em presença à reunião de cúpula do Brics, no próximo fim de semana, em Nova Délhi. O chanceler Mauro Vieira foi escalado para levar à capital indiana os aportes do Brasil para o próximo período do bloco, que vive um momento de definições no rápido rearranjo das relações globais em tempos de guerras na Europa (Ucrânia) e no Oriente Médio.

Ambos os conflitos exibem potencial para implicar as relações internacionais em esferas concêntricas, a partir dos próprios focos originais. No âmbito do Brics, produzem impactos cujas raízes ilustam a natureza híbrida do bloco emergente. Arábia Saudita e Emirados Árabes, recém-admitidos, se veem às voltas com ataques às bases militares estadunidenses que abrigam, ataques por parte do Irã, outro recém-ingresso no clube. A urgência de disputar voto a voto a

reeleição, sob a pressão de seguidas pesquisas de opinião que indicam empate técnico em um decisivo segundo turno, amarra os braços do Planalto — e obriga a delegar ao Itamaraty a missão de conduzir as questões centrais da política externa. Embora consciente de que o tema se insinua na agenda de campanha, o comando eleitoral aposta que Lula fará melhor deixando, por ora, que a diplomacia profissional conduza temas sujeitos a possíveis controvérsias em que o campo oposto, até por isento de resolver e apresentar resultados, só tem a ganhar com eventuais estremecimentos.

Corre por fora

A reunião de Nova Délhi traz à tona a controversa presidência indiana do bloco emergente, em uma conjuntura na qual o premiê Narendra Modi exercitou as habilidades de iogue — ou mesmo malabarista

— para equilibrar-se entre os polos contraditórios nos quais se assenta, há algumas décadas, a política externa de mais uma potência econômica e demográfica em ascensão no contexto asiático.

Modi vem de contracenar com os colegas da China, Xi Jinping, e da Rússia, Vladimir Putin, no encontro de chefes de Estado e de governo da Organização para Cooperação de Xangai (OCX). Reunidos em Bishkek, capital do Quirguistão, os 10 líderes avançaram na conformação de um bloco que resume os propósitos que cada um persegue, em seus limites, para firmar os próprios limites e as próprias pretensões no contexto de uma ordem mundial multipolar em gestação.

Estabelecida no início do século, a OCX agrupa um número pequeno de países. Mas eles representam mais de 40% da população do planeta e um quarto do PIB global. Até em relação ao Brics, com o qual têm inúmeras coincidências, ela se

configura como um polo a mais, entre as diferentes articulações que se costuram.

Rota da Seda

Não chega a ser surpreendente, mas chama a atenção que o presidente da China, Xi Jinping, tenha seguido da Ásia Central, área de interesse imediato, rumo ao Oriente Médio, uma porção do globo que, apesar da posição central no tabuleiro geopolítico, esteve por décadas ausente do menu de prioridades de Pequim. Encerrada a cúpula da OCX no Quirguistão, o líder chinês deslocou-se para o Egito, onde se reuniu com o colega Abdel Fatah al-Sissi.

O governo do Cairo foi o primeiro do Oriente Médio a reconhecer oficialmente a República Popular, fundada em 1949 por Mao Tsé-tung, como a representação internacional do império milenar. Desde então, os imensos desafios domésticos e

as turbulências na vizinhança imediata — as guerras de libertação na Coreia e no Vietnã — mantiveram o regime comunista de Pequim praticamente alheio às guerras árabe-israelenses e às múltiplas frentes de conflito na região.

Em especial desde a morte de Mao, em 1976, com a ascensão do gênio reformista Deng Xiaoping, o regime comunista de Pequim vem priorizando a própria capacitação econômica e comercial como plataforma para a reinserção no mundo como o império que influenciou os destinos da Ásia por mais de mil anos.

Agora, o foco está em viabilizar a Iniciativa Cinturão e Rota, mais conhecida como Nova Rota da Seda, projeto ambicioso de infraestrutura para ligações comerciais destinado a fazer fluírem os negócios com praticamente todo o globo. A movimentação diplomática complementar inclui a delicada reaproximação entre Irã e Arábia Saudita, celebrada no ano passado em Pequim.

Adversárias por décadas, as duas potências islâmicas do Oriente Médio são, hoje, ambas membros plenos do Brics.